

Discurso homofóbico: ferramenta de opressão a sexualidades dissidentes

Homophobic speech: a tool of oppression for dissident sexualities

Luiz Fernando Roecker*
Universidade Federal da Grande Dourados
Mato Grosso do Sul, Brasil

Silvia Mara de Melo*
Universidade Federal da Grande Dourados
Mato Grosso do Sul, Brasil

Resumo: Este artigo objetiva realizar uma análise discursiva de comentários que embasam a homofobia expressa em ambiente virtual. O trabalho mobiliza um acontecimento homofóbico veiculado em jornais e redes sociais e as reiteradas ações homofóbica em resposta às notícias. Este ambiente pode ser considerado local propício para a materialização de diferentes discursos, crenças, opiniões, informações e desinformações. Pretende-se entender as estratégias e funcionamentos utilizados na construção do discurso homofóbico analisado. No que se refere ao referencial teórico da pesquisa, a abordagem escolhida para este trabalho está amparada na proposta teórico-metodológica dos Estudos Discursivos Foucaultianos, bem como em contribuições de estudiosos(as) das obras de Michel Foucault que estendem, ampliam e aprimoram a teoria discursiva. O método arqueogenalógico norteia as análises dos enunciados que expressam e legitimam a homofobia. As reflexões levaram a concluir que há o apelo a distintos discursos, com diferentes efeitos

* Graduado em Letras (Habilitação Língua Portuguesa/Língua Inglesa) pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Mestre em Letras, na área de Estudos de Língua(gens) e Discurso, pelo Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras (PPGL), vinculado à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE) também pela UFGD. O presente trabalho apresenta parcela das discussões e estudos realizados no âmbito da realização de uma pesquisa de mestrado. A dissertação intitulada “Legitimação da opressão a sexualidades dissidentes – uma análise discursiva” foi defendida no Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras (PPGL), vinculado à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE). Sob orientação da Profa. Dra. Silvia Mara de Melo. Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento que me foi destinado durante o período de realização do mestrado. E-mail: luizfroecker@gmail.com.

* Possui Graduação em Letras -Português/Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, 1998), Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – (2004), Doutorado em Linguística e filologia da Língua Portuguesa Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara (UNESP) - (2009), Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, UFU sob a supervisão do Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes. Atualmente é professora associada na Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD. Tem experiência na área de Linguística e Língua Inglesa. Participa como membro do GIEF, Grupo Interdisciplinar de Estudos Foucaultianos, coordenado prof. professor Dr. Pedro Navarro, da Universidade Estadual de Maringá, UEM. Atua tanto na graduação quanto no Programa de Pós-graduação da UFGD, na extensão ministra cursos de língua inglesa para comunidade acadêmica. Tem interesse pelos temas relacionados à questão midiática, indígena e ensino de língua inglesa. Publicou artigos científicos em revistas especializadas da área de Letras e também é autora de vários livros e coletâneas.

de verdade para embasar e justificar a homofobia em desfavor de sujeitos que integram o quadro geral da diversidade sexual humana.

Palavras-chave: Estudos discursivos. Homofobia. Sexualidade.

Abstract: This paper aims to conduct a discursive analysis of comments that support homophobia expressed in a virtual environment. The work mobilizes a homophobic event reported in newspapers and social networks and the repeated homophobic actions in response to the news. This environment can be considered a favorable place for the materialization of different discourses, beliefs, opinions, information and misinformation. The aim is to understand the strategies and functions used in the construction of the homophobic discourse analyzed. Regarding the theoretical framework of the research, the approach chosen for this work is supported by the theoretical-methodological proposal of Foucaultian Discursive Studies, as well as by contributions from scholars of Michel Foucault's works that extend, broaden and improve discursive theory. The archeogenaeological method guides the analysis of the comments that express and legitimize homophobia. Based on the work carried out, it is possible to conclude that there is an appeal to different discourses, with different effects of truth to support and justify homophobia against subjects that are part of the general framework of human sexual diversity.

Keywords: Discursive studies. Homophobia. Sexuality.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sexualidade é um campo em disputa. A relação tensa construída no entorno deste tema engloba representações, significados, linguagens, ícones, símbolos, memórias e crenças. Falam-se de diferentes lugares e posições sociais, seja em ambiente acadêmico, religioso, médico, jurídico ou político a temática tem sido alvo de debate e discussão, por vezes, polêmicas e permeada por disputas. Ainda que sejam atribuídos diferentes níveis de valorização e de efeitos de verdade em relação à produção discursiva realizada em cada um desses ambientes, não é possível negar que, estes locais, ao mesmo tempo que se propõem a discuti-la, acabam por construí-la, moldá-la e produzi-la.

A partir de Daniel Borrillo (2016) é possível afirmar que diversas instituições, práticas e discursos destinaram esforços para transformar uma das sexualidades existentes na sexualidade hegemônica e exemplar. Esses esforços criaram procedimentos que resultaram na hierarquização das sexualidades, e concomitantemente, uma foi alçada à posição que deveria ser aceita e naturalizada, e as demais foram inferiorizadas e marginalizadas. A produção da homofobia é resultado destes procedimentos seculares. Sendo a homofobia, de acordo com Borrillo (2016), um fenômeno pouco explorado e bastante complexo, não se localizando em um âmbito só, no indivíduo ou na sociedade, mas em ambos, sendo ela considerada como produto e produtora de hierarquias sexuais. Borrillo (2016) destaca que uma nuance do sistema homofóbico pode ser compreendida a partir do pressuposto de que a “homofobia é o medo de que a valorização dessa identidade seja reconhecida; ela se manifesta, entre outros aspectos, pela angústia de ver desaparecer a fronteira e a hierarquia da ordem heterossexual” (Borrillo, 2016, p. 17).

O discurso homofóbico pode ser considerado como um objeto de análise profícuo para realizar reflexões, discussões e problematizações acerca da cultura, das práticas sociais, religiosas, políticas e médicas de uma dada sociedade. Considerando que o discurso homofóbico se materializa por meio da linguagem, elege-se a língua como

potencial local de análise para a compreensão de diferentes fenômenos, e que dentre eles, o homofóbico merece análise.

Na modernidade, ações homofóbicas e afirmativas são constantemente expostas ao contraditório, diante da coexistência de diferentes sexualidades e modos de vivenciá-la. Nesta discussão, é difícil mencionar o que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) não transformaram ou impactaram, de modo direto ou indireto, em todo o mundo. Neste ponto, situa-se que neste trabalho, objetivamos discutir o discurso homofóbico expresso em ambiente virtual.

No que se refere à importância da discussão acerca da temática da sexualidade, propomo-nos a pensá-la em um cenário que temos um aumento dos episódios de violência, intolerância e discriminação de ordem homofóbica nos últimos anos. Os registros de situações de violência homofóbica no ambiente virtual aumentaram, e segundo o levantamento da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, SaferNet, passou de 1.226 para 2.529, considerando as denúncias ocorridas entre janeiro e junho de 2021, em comparação com o mesmo período em 2020, com crescimento de 106%, segundo os dados do levantamento citado, apurados por matéria do G1 (2021a). Segundo os dados obtidos e compilados pelo 16º Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), relativo ao ano de 2021 em comparativo com o ano de 2020, é possível destacar o crescimento de 35,2% dos crimes de lesão corporal dolosa, 88,4% dos crimes de estupro, e de 7,2 % de homicídios dolosos contra pessoas LGBTQIAPN+¹. Segundo Gonzalez (2021), é preciso ter em mente de que este tipo de número sofre a influência da subnotificação e a falta de preparo das equipes policiais para registros fidedignos dos dados, e de que eles possam ser ainda maiores. Os números, que representam vítimas, se tornam preocupantes não só por se manterem, mas também por aumentarem.

O 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública relativo ao ano de 2022, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), publicado em 2023, aponta que as ocorrências de homofobia e transfobia passaram de 316, em 2021, para 488, em 2022, o que representa 54% de aumento. Porém, oito estados não disponibilizaram os dados para a realização do anuário, o que indica que as ocorrências possam ser ainda maiores. A partir do 17º Anuário (2023), é possível destacar uma mudança significativa: a de que houve um aumento no número dos estados que passaram a registrar e informar os casos de racismo por homofobia e transfobia, que passou de 14 estados em 2020 para 21 estados em 2022, porém o próprio documento considera que “não significa que a informação produzida seja fidedigna à realidade. Pelo contrário, os dados acerca de crimes de ódio produzidos ocultam a realidade ao invés de revelá-la” (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p. 109).

¹ A sigla LGBTQIAPN+ tenta nomear e representar o conjunto de orientações sexuais e identidades de gênero que abarcam a diversidade sexual humana. Para Basso (2020), se refere ao movimento político e social que agrupa pessoas que se consideram integrantes de um ou mais segmentos expressos a seguir: lésbicas, gays, bissexuais, transexual, travesti, transgênero, *queer*, intersexo e assexual. O símbolo + intenta representar demais categorias e segmentos da diversidade sexual, seja de orientação sexual ou gênero não representando nas anteriores. É importante ressaltar que a sigla sofre alterações conforme ocorrem transformações e mudanças de ordem diversas.

Considerando o exposto, as sexualidades ‘desviantes’ e as violências destinadas a elas têm sido discutidas ou ignoradas a depender dos espaços institucionais e sociais, de diferentes modos e frentes. Reitera-se o movimento afirmativo e contrário ao que estava consolidado socialmente, que se materializa na decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em 2019, de considerar que as ações homofóbicas se enquadram na lei do racismo, fazendo com que o sistema judiciário passasse a receber ações e processos que procuram investigar situações que serão ou não consideradas homofóbicas.

As práticas homofóbicas, antes naturalizadas, recebem hoje o *status* de crime. Em artigo elaborado por Coelho (2019), é possível afirmar que foi a partir da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) de número 26 e do Mandado de Injunção número 4.733 (julgados em 13 de junho de 2019), que o STF equiparou a homofobia ao crime de racismo. O STF considerou que a homofobia se enquadra no artigo 20 da Lei 7.716/1989, que criminaliza o racismo. Nesse sentido, práticas homofóbicas que incitam o preconceito e a discriminação passam a ser consideradas crimes. Em agosto de 2023, segundo Vivas e Falcão (2023) a corte supracitada também decidiu que os atos de homofobia podem ser enquadrados como injúria racial, especificando que as ações homofóbicas podem e devem ser punidas se ocorrem em desfavor de pessoas, e não apenas caso o crime ocorra contra um grupo ou a coletividade, como prevê o racismo. A ideia que se tem de injúria racial encontra-se vinculada a ofensas contra a pessoa, e o racismo, em desabono de um grupo.

Neste sentido, se faz importante a ação de problematizar comentários homofóbicos e pensá-los discursivamente, uma vez que é por meio deles, mas não só, que se materializa este sistema de violência e opressão. Tem-se, então, o aparato policial investigando; e o judiciário, julgando ações relacionadas ao tema da homofobia. A temática percorre toda a sociedade brasileira, em diferentes níveis, e desta forma, no interior do trabalho de pesquisa, pretendemos suscitar reflexões críticas e, especificamente qualificadas a respeito da matéria.

Considerando o carácter complexo em que está envolto o discurso homofóbico, é pertinente entender os mecanismos pelos quais ele se expressa e se sustenta. Nesse sentido, o trabalho é relevante e se justifica por discutir o problema social da homofobia no contexto brasileiro, fazendo a necessária relação com os acontecimentos históricos e políticos que convergiram para a construção de práticas discursivas encontradas no momento presente. Acredita-se que, entendendo o mecanismo de funcionamento de legitimação da homofobia, por meio da análise dos argumentos materializados nos enunciados que dão sustentação para essa prática, pode-se contribuir, minimamente, para a compreensão do processo que visa alcançar a desnaturalização da homofobia.

Sendo a sexualidade objeto de discussão explorada em diversas áreas do saber, indicamos que será realizada a mobilização de noções e perspectivas em vista da análise do material encontrado. O recorte estabelecido, neste trabalho, elege especificamente o discurso homofóbico expresso em ambiente virtual brasileiro em torno de um acontecimento homofóbico que ocorreu no período compreendido entre o mês de novembro de 2022 a fevereiro de 2023. A partir da busca de palavras-chave, em um dos principais buscadores utilizados no Brasil, o *Google*, utilizando palavras como “gay”, “lésbica”, “travesti”, “transexual”, “homossexualidade”, “bissexualidade”,

“LGBTQIAPN+”, “homofobia” e similares, o material foi encontrado e posteriormente analisado. Neste aspecto, o *corpus* é constituído por um conjunto de comentários, produzidos por leitores e leitoras de textos jornalísticos, que atuaram como resposta a uma publicação jornalística que noticiou ações homofóbicas.

A seleção de dados norteou-se na direção de encontrar comentários que expressam e legitimam a homofobia, sendo eles veiculados em páginas de jornais e nas redes sociais, como Facebook e Instagram. Na seleção do *corpus*, utiliza-se o critério da presença de sentido negativo e/ou pejorativo que configure manifestação linguística do(a) leitor(a) do texto jornalístico e o de mobilizar os diversos temas, conteúdos, crenças e opiniões que sustentam o todo que é a homofobia. É salutar entender quais são os mecanismos discursivos utilizados nas justificativas e validações da homofobia, situa-se que os comentários que serão analisados expressam homofobia e atuam como mecanismo de validação de outras ações homofóbicas, aquelas que foram noticiadas pelo texto jornalístico.

O arcabouço teórico-metodológico deste trabalho está amparado nos Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF). Em síntese, elencamos como objetivo geral analisar comentários que embasam discursos homofóbicos expressos por leitores e leitoras de textos jornalísticos veiculados em ambiente virtual brasileiro. Estão em torno deste objetivo a intenção de compreender os mecanismos do discurso homofóbico e o de entender as estratégias e funcionamentos presentes na circulação desse discurso. Entende-se que os discursos, em geral, já atuam como reguladores e normatizadores dos comportamentos e condutas sexuais individuais dos sujeitos, mas que entre eles, o homofóbico, merece devido destaque.

Neste trabalho, dividimos as seções vindouras em: discussão teórico-metodológica, análise discursiva dos enunciados homofóbicos e as considerações finais.

2 DIÁLOGO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Em meados da década de 1950 e 1960, os estudos linguísticos passaram a assumir epistemologias que propunham um rompimento para com os estudos estruturalistas, surge um novo foco, que coexiste com outros, que permite direcionar um olhar para fatores da ordem do funcionamento da linguagem, seu uso e de mecanismos próprios à enunciação, fazendo com que surgissem e fosse aberto espaço para novas perspectivas e paradigmas para esse campo de estudos. A concepção de língua e de como analisá-la não permaneceu intocada, pelo contrário, foram adaptadas e transformadas. Os estudos não se destinaram mais apenas ao funcionamento do que acontece no interior das estruturas linguísticas, entram em cena questões de produção e recepção linguística, que passam a ser objeto de estudo e de reflexão, não sendo a língua estudada de maneira isolada, mas sua relação com o sujeito, a história e a sociedade. Neste aspecto, ressalta-se que o leque de possibilidades se ampliou de forma a enriquecer as abordagens e os objetos de estudos linguísticos/discursivos/literários. Dentre as possibilidades surgidas, certas vertentes linguísticas passam a conceber os sentidos não apenas ligados ao sistema linguístico e sua forma, mas à utilização, introduzindo a dimensão social, o sujeito enunciativo, a instituição pela qual ele fala, suas ocupações sociais, entre outros aspectos.

Para Iran Ferreira de Melo (2009), é neste limiar surgido com o rompimento estruturalista que aparecem “diferentes práticas sob o rótulo de análise do discurso” (Melo, 2009, p. 2). Dada a diversidade de correntes teóricas e metodológicas, de suas fases e autores, é pertinente citar as palavras de Vanice Sargentini, que considera: “hoje são tantas as ramificações que são necessárias várias explicações para situar a chave na qual se lê um trabalho na área do discurso” (Sargentini, 2015, p. 17).

A trajetória da disciplina da Análise do Discurso (AD), percorreu diversificados caminhos, nos quais destaca-se a ocorrência de uma multiplicidade de mudanças e transformações, e que em dado momento teve seu percurso norteador formado por fases, por autores, pela escolha de objetos de estudos, pelos paradigmas e pressupostos elencados no interior de uma vertente e não assumidos por outra. Neste ponto, é necessário sintetizar: os estudos discursivos possuem, atualmente, diferentes vertentes, autores, teorias, objetos e métodos de análise. O percurso realizado pela teoria/disciplina/área desde a década de 1960 é longo e complexo.

Considerando o exposto, o percurso teórico que é adotado neste trabalho se filia, especificamente aos Estudos Discursivos Foucaultianos, pois, tem como principal arcabouço teórico-metodológico os escritos de Michel Foucault. Segundo Pedro Navarro (2020), a criação do grupo de trabalho intitulado “Estudos Discursivos Foucaultianos”, vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), se demonstra como ação eficaz para a vinculação de pesquisadores e professores que se utilizam do aporte teórico-metodológico concebido na e a partir da obra de Michel Foucault. Nesse sentido, Navarro (2020) ainda postula a não necessidade de se filiar a uma análise de discurso francesa, e às fases que a remontam, ou seja, todo o retrospecto que ora era realizado para situar as fases da Análise do Discurso, para em seguida, chegar à perspectiva foucaultiana, não é um empreendimento considerado necessário.

Acerca dos Estudos Discursivos Foucaultianos (doravante EDF), postula-se que se trata de uma teoria-método, não se limitando apenas ao discurso, mas que recorre ao pensamento foucaultiano para proceder a estudos, análises e problematizações. O discurso é visto como prática, que também é agente no processo de formação de objetos, conceito profícuo na ação de pensar a produção de saberes e das relações entre saberes e poderes que se encontram vinculadas aos enunciados e discursos.

No que se refere à ancoragem metodológica que sustenta o presente estudo, este possui sua abordagem a partir da perspectiva denominada de “arqueogenealógica”. A expressão “arqueogenealogia” pode ser considerada como uma epistemologia, uma estratégia teórico-metodológica que assume um olhar de análise perante a sociedade, percebendo pontos locais e a sua relação com práticas sociais, culturais, religiosas, de saber e poder, vislumbrando-as discursivamente, ou seja, objetivando compreender as relações que afirma ou nega, e os efeitos de poder, saber e verdade que produzem.

Michel Foucault explica seu método arqueológico de análise no livro que completou 50 anos de publicação em 2019, denominado “A Arqueologia do saber”. A partir das considerações de Edgardo Castro (2016), a arqueologia pode ser pensada como o estudo das regras que organizam e estruturam os discursos, os sistemas de regularidades enunciativas e as formações discursivas, no interior das condições históricas de

possibilidade do saber. O método adota a postura de não levar como preocupação norteadora o que veio antes ou depois de determinado discurso, mas o fará caso necessário. Essa opção metodológica pensa os feixes de relações possíveis a partir de dado enunciado, e não o que o enunciador tentou ou fez significar. A regularidade, descontinuidade e contradição são, para Michel Foucault, inerentes aos discursos e as práticas discursivas, e o gesto analítico se debruça em pensar essas relações. Enquanto na genealogia, tenta-se compreender as relações de força (econômica, religiosa, de poder e de saber) que incide sobre os discursos, considerando que até mesmo o saber, considerado como conhecimento científico legítimo, atua na manutenção de certos sistemas e silenciamento de outros. Castro (2016) considera que a abordagem genealógica situa o saber no âmbito das lutas, para então “analisar o saber em termos de estratégia e táticas de poder” (Castro, 2016, p. 185).

As palavras de Maria do Rosário Gregolin, em entrevista realizada por Navarro e Sargentini (2022), reiteram que: “fazer análise *arqueogenealógica* significa que nosso olhar investigativo se debruça sobre os discursos a fim de enxergar a trama das relações entre saberes, poderes e processos de subjetivação pela lente crítica da história” (Navarro; Sargentini; 2022, p. 38). Neste aspecto, Gregolin pensa a arqueogenealogia como um modo de compreender a existência e a emergência dos discursos, que se volta para a história para realização plena desta compreensão, e o faz por meio da arqueologia, momento em que Michel Foucault (2013) mais fortemente teorizou as questões sobre o discurso e a história. Considerar essa rede complexa de relações, em que um discurso está envolto, requer, sem dúvida, considerar os discursos aos quais está vinculado, o que nega e o que afirma, os sujeitos e as instituições que o materializam. Neste sentido, as análises se propõem a articular “os discursos com os acontecimentos históricos, [a] compreender as tramas que os tecem, o que recobrem, o que os faz concretizar ações e pensamentos de um momento histórico” (Navarro; Sargentini, 2022, p. 38).

As relações de saber-poder são imprescindíveis na compreensão de como se dão os mecanismos de funcionamento, de validação ou negação de um discurso. Os saberes validados são elencados ao posto de verdade quase indiscutível e inegável. Michel Foucault (2007) questionava o que era tido como evidência, o que era aceito sem discussão, postulava que o saber “não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (Foucault, 2007, p. 28), por isso mesmo desconfiou de métodos e proposições tidas como regras universais no interior dos saberes que se constituíam ou estavam constituídos. Sendo o saber um poder, ele é visto como um meio de dominação e está envolto de relações de luta.

Nesse sentido, denomina-se de arqueologia do saber e genealogia do poder por se tratar de uma metodologia arqueogenealógica, que auxilia a pensar, analisar e questionar como se deram os processos que determinam que as coisas são de uma forma e não de outra, porque determinada coisa funciona desse modo e não de outro, porque se diz determinada coisa de uma forma e não de outra. Não limitando-se apenas à análise do discurso, mas percebendo-o sob o mirante da sociedade, o que por sua vez também possibilita a escolha de temas atuais, complexos, conflituosos e polêmicos. No que se refere ao direcionamento das pesquisas de Michel Foucault, para pensar as relações de poder – surge uma questão pertinente: quais seriam os instrumentos para estudar as

relações de poder? Os relevantes e pertinentes conceitos formulados pelo estudioso formam o que os pesquisadores denominam de “caixa de ferramentas”, caixa essa que possui ferramentas que o pesquisador se serve para desenvolver sua pesquisa e análise, estendida à distintas discursividades e materialidades.

A linguagem, neste aspecto, não é percebida como uma ferramenta neutra que possui apenas a função de comunicar e de expressar emoções, sentimentos e pensamentos. A língua tenta dar ordem às coisas, nomeia, cria, dá existência e normatiza o mundo. Porém, ao expressar-se a partir da linguagem, o gesto de análise dessas expressões pode revelar contradições, incoerências, estratégias e mecanismos do poder e do saber, a partir do qual, é possível compreender os mecanismos de construção e de formação dos discursos. Neste aspecto, pensa-se nos discursos que circulam na sociedade e possuem liberdade de materialização, ou seja, de que há condições de emergência e de possibilidade para sua existência, independentemente do quão problemático seja seu conteúdo.

O objeto de discurso homofóbico pode ser vislumbrado e compreendido no interior de múltiplas relações entre diferentes instituições, visto que é, a partir da perspectiva do método arqueogenalógico, que se pode observar o tema e suas possíveis relações, que intenta percebê-lo a partir de uma perspectiva panorâmica, e não um único ponto de vista, podendo haver ou não uma série de correlações, ou mesmo o predomínio de uma série sobre as outras, ou de uma região em relação a outra.

Conforme o exposto, dentre os conceito-ferramentas, estabelecemos um recorte para discutir introdutoriamente algumas delas para mobilizá-las na seção de análise. Neste aspecto, discutiremos as noções de discurso, enunciado, acontecimento, sujeito e dispositivo. Os estudos discursivos elegem dentro de suas possibilidades como sendo uma delas a de estudar o discurso. Nomeia-se de discurso religioso, político, midiático, homofóbico, econômico, jornalístico, entre outros, um conglomerado de falas, textos, pronunciamentos, práticas, opiniões e crenças. A noção de *discurso* pode ser apreendida considerando a produção linguística/discursiva verbal e/ou não-verbal e a sua exterioridade. É essa noção de discurso que permite o gesto de analisar o que está presente no entorno de um dado enunciado, quadro, figura, slogan, propaganda, *outdoor*, pois considera o conteúdo do objeto de análise e o que está para além dele, as possíveis relações com o sujeito que produziu, a época, a história, o que nega ou afirma. O discurso permeia todas as relações sociais, políticas, culturais e religiosas, sendo essas relações tensas e complexas. Desse modo, é necessário compreender os aspectos considerados externos à língua, mas que por este viés possui intrínseca relação com a constituição e construção dos enunciados e as condições de possibilidade do discurso. Um discurso perpassa tudo o que tem vida social, as mudanças históricas, as decisões políticas e religiosas, saberes e poderes, as relações de classe, gênero e raça.

O discurso não é tido como homogêneo, fixo e imutável, pelo contrário. A compreensão de discurso sugere idas e vindas, contornos e movências dentro de um mesmo discurso. Corroborando essa assertiva, Cleudemar Fernandes (2012) defende que na “acepção foucaultiana, todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem e caracteriza-se pela contradição” (Fernandes, 2012, p. 24)

O discurso não é a língua, não é um texto, um pronunciamento, mas é pensado como um conceito abstrato que se materializa na e pela língua. Até mesmo Foucault, na elaboração do conceito, pontua que a multiplicidade de sentidos desse conceito serve para pensá-lo como fenômeno extremamente complexo, e que o discurso pode ser considerado “ora domínio geral de todos os enunciados, ora grupo individualizável de enunciados, ora prática regulamentada dando conta de um certo número de enunciados” (Foucault, 2013, p. 96). Foucault, estudioso e analista do discurso, apresenta a seguinte hipótese:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2014, p. 08-09).

Em uma análise no nível discursivo, é necessário direcionar o olhar para o carácter linguístico das materializações da linguagem, pois concebendo o discurso como algo que obedece a um certo número de leis e de regularidades internas, que são densamente explicadas em “A ordem do discurso”. Na perspectiva de Foucault (2014), os discursos não devem ser tomados somente em seu aspecto linguístico, mas relação que este possui com a exterioridade do sistema linguístico, com os sistemas de luta, de poder, de dominação, nas relações tensas que estabelece, no que nega ou afirma.

Em relação ao *enunciado*, este não é visto apenas como uma frase, mas como um acontecimento único, singular e que possui características de uma irrupção histórica. Tendo sido materializado, é possível apontar que houve uma condição de possibilidade e de emergência daquela construção discursiva. Poderia soar como irrelevante, banal, gesto minúsculo e pequeno, mas Foucault (2013) pontua que determinado enunciado está relacionado com enunciados que o precedem e o seguem, no espaço e no tempo, ele pode ser repetido, transformado, ressignificado, ampliado. Neste aspecto, pensar o enunciado é apreendê-lo como uma singular existência que possui características próprias, e ainda que o mesmo enunciado for produzido novamente, este estará ligado a relações diferentes do que nas primeiras circunstâncias, por isso, o enunciado já será outro. Nesse sentido, o enunciado é o núcleo do discurso, que está ligado a uma rede de conexões, conexões que ele próprio reafirma ou que nega. Consoante ao exposto, os estudos discursivos consideram que o enunciado é percebido como pertencente a um acontecimento discursivo, e pensar a produção linguística de um sujeito requer analisar o enunciado na sua relação com historicidade, e com a rede de saberes e poderes que estão atrelados àquela materialidade discursiva.

É possível encontrar enunciados que não correspondem à estrutura linguística da frase. Para Foucault (2013), um quadro classificatório de espécies botânicas, uma árvore genealógica, um livro de estimativas de um balanço comercial são exemplos de enunciados, não de frases. O autor complementa que “o enunciado não é, pois, uma estrutura [...], é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos” (Foucault, 2013, p. 105).

Importante aspecto a se considerar é a necessária assunção do discurso em sua relação com o fenômeno do **acontecimento**, considerado como um aspecto da história serial, que é visto em sua relação com a ação de monumentalizar o material que se pretende analisar. O material ou a série enunciativa, consiste, em suma, no *corpus* que será analisado neste trabalho, composto por comentários expressos por leitores e leitoras, em resposta a textos jornalísticos, e que formam uma espécie de documento. A respeito do dado analisado, este recebe o olhar que o configura como uma irrupção do discurso ou dos discursos que a análise poderá apontar, entrando em cena o olhar assumido pelo analista, que é situado social e historicamente, além de estar localizado em um determinado tempo e espaço. Neste sentido, a análise não assume a proposta de ser a verdade, ou então de revelar a verdade sobre o documento, mas como uma leitura possível, a partir das condições de possibilidade da análise, do material e do analista.

O acontecimento discursivo está relacionado com a historicidade do discurso, e sendo constituído por um grupo de enunciados é relevante que se considere o recorte temporal, o sujeito enunciativo, as condições de possibilidades e os feixes de relações que estão intrinsecamente relacionados com a produção linguística/discursiva. O enunciado e o discurso irrompem a partir de um acontecimento, ele surge com o acontecimento e no acontecimento, trazendo consigo a materialização do discurso, que, por sua vez, pode ter sua existência atrelada a mais de um discurso e pode ser acionado/mobilizado por mais de um dispositivo de poder e de saber. Neste sentido, a perspectiva de história não global e as noções estabelecidas por Foucault (2013) dialogam de forma correlacionada com o olhar empreendido em torno do acontecimento discursivo, que poderia até soar banal ou irrelevante, mas que de acordo com o autor, é exatamente essa característica que faz com que acontecimentos não sejam notados ou percebidos, justamente porque certas transformações não acontecerem de forma rápida e de maneira clara nos jogos das relações sociais.

Neste aspecto, uma preocupação norteadora que está em torno do acontecimento é pensar como se estabelecem as relações entre os sujeitos e o acontecimento. O documento neste caso é visto sob a ótica de um conjunto de dados, tanto os enunciados analisados, a teoria discursiva, os diálogos estabelecidos entre diferentes autores dentro do trabalho, o *corpus* do trabalho, que neste caso, se constitui de comentários materializados na internet, selecionados com a perspectiva de se tornar uma série enunciativa a ser analisada em seção específica, atuam como uma espécie de arquivo, de documento, eleitos e trabalhados para funcionarem conforme uma estrutura teórico-analítica. O acontecimento produz algo, para Foucault (2013) ainda que um segundo enunciado seja formulado de forma semelhante a um primeiro, necessariamente este enunciado já é outro, porque as condições são outras, o entorno dele já é outro, a enunciação já é outra.

Acerca do conceito de *sujeito*, Fernandes (2008) considera que este deve ser considerado como um ser social em um espaço coletivo, e que sua posição discursiva aponta o espaço social ocupado por ele, e ainda de que ele expressa um conjunto de outras vozes integrantes dessa realidade histórica e social. O sujeito “não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, discursos em oposição, que se negam e contradizem” (Fernandes, 2008, p. 26). Falar em sujeito discursivo pede

a compreensão de quais são as vozes sociais que se fazem presente em sua voz. Fernandes (2012) defende que “o sujeito, por sua vez, é constituído por discursos historicamente produzidos e modificados; assim como o discurso, o sujeito está em constante produção, é marcado por movências e constituído pelos discursos” (Fernandes, 2012, p. 16). Tem-se o movimento contrário, concebe-se que o sujeito é um *produto*, e está constantemente em *produção*, é efeito histórico-social-cultural de onde ele está inserido/inscrito. Ele não controla os sentidos e os efeitos de seus dizeres.

No gesto de análise, a intenção do sujeito falante, se sua atividade linguística foi consciente ou inconsciente, o que se quis ou não dizer são perspectivas que não norteiam as análises, mas busca compreender o enunciado na “singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem” (Foucault, 2013, p. 34).

O sujeito está inscrito historicamente em um dado lugar e uma dada época, portanto enuncia dessa posição-sujeito, que é ocupável e preenchível, sendo marcado pelas condições de possibilidade que estão em seu entorno, sua tomada de fala é perpassada por tensão e luta, pode ser aceita ou repreendida. Os discursos não circulam livremente, e a enunciação está sujeita a certas regras existentes dentro de uma formação discursiva. O sujeito ocupa a posição que lhe é possível ocupar, e Foucault (2013) o concebe como descontínuo e disperso, mesmo que o indivíduo tenha a ilusão que controla seus dizeres e que é formado por um todo coerente e conciso. Para Foucault (2004), não existe um sujeito soberano, fundador ou universal. Mas um sujeito que se constitui pelas práticas de sujeição, de práticas de liberação ou, seja de liberdade, conforme era na Antiguidade, porém sempre submetido a regras e estilos prévios do meio social e cultural.

O *dispositivo* nomeia uma ferramenta analítica de Michel Foucault, que tem sua materialização, a partir das considerações de Edgard Castro (2016), mais especificamente na fase genealógica do autor. Michel Foucault abordou a existência de diversos dispositivos, dentre eles, os dispositivos disciplinares, o dispositivo carcerário, os dispositivos de poder, os dispositivos de saber, o dispositivo de sexualidade, entre outros. O dispositivo tem sua atuação atrelada a diferentes instrumentos, que, por sua vez, acionam os discursos, sendo que um mesmo discurso pode ser acionado por diferentes dispositivos. Para Foucault (2020), a sexualidade se tornou um dispositivo a partir do momento em que a sociedade passou a controlar o corpo, os modos de existência e a população. O poder e os regimes de verdade são mobilizados para que certas práticas sejam consideradas como aceitáveis ou repudiadas, incentivadas ou negadas.

Na concepção de Castro (2016), o dispositivo é uma espécie de formação, que “teve por função responder a uma urgência. O dispositivo tem, assim, uma função estratégica” (Castro, 2016, p. 124). O processo de surgimento de um dispositivo tem sua implementação e consolidação sujeitas a ajustes e reajustes, a modificações e readequações, uma vez que um dispositivo pode entrar em contradição com outros. Segundo Edgard Castro (2016) a obra ‘História da Sexualidade – a vontade de saber’, remonta à fase genealógica de Michel Foucault, e dirige-se, principalmente, à descrição e o funcionamento do dispositivo de sexualidade. Castro (2016) considera que o objeto de descrição da arqueologia era a episteme, na medida em que o dispositivo ocupa este papel

de objeto de descrição na genealogia, momento em que os trabalhos de Foucault se debruçam, mais especificamente, a analisar o poder. O conceito de dispositivo é fundamental no processo de compreensão e desnaturalização de práticas que já estão postas e concebidas como imutáveis na sociedade.

Na perspectiva de Sargentini (2015), Foucault, em seus trabalhos, propõe analisar “um regime de práticas que lhe permitirá ver o modo como um dispositivo erige-se sustentado por uma rede de elementos” (Sargentini, 2015, p. 21). Ou seja, ressalta-se que o dispositivo é pautado por uma ideia de rede, de relações estratégicas, de um conglomerado de práticas e discursos, que podem ou não estar relacionados em um primeiro olhar, mas que a partir do gesto do analista, poderá ser concebido sob uma certa coerência e um modo de funcionamento, do que nega ou afirma. O funcionamento do dispositivo atua na produção e manutenção dos discursos, que, por sua vez, operam sobre a sociedade, os sujeitos e seus corpos. Nesse sentido, o conceito comporta a compreensão de diferentes elementos como constituintes e constituidores dos dispositivos, que são heterogêneos e estão envoltos em uma rede complexa de relações – leis, comportamentos, discursos, instituições, acordos sociais, saberes e poderes. Em outro aspecto, tem-se os sujeitos como sendo constituídos pelos dispositivos e pelos discursos. Por isso, para o autor “não existe discurso fora dos dispositivos, e dispositivos sem discurso” (Courtine, 2013, p. 29).

A sexualidade, categoria analítica discutida neste trabalho, é considerada assunto ainda bastante polêmico na sociedade brasileira, acerca dele, crenças, opiniões, informações e desinformações são mobilizadas quando a discussão é colocada em pauta. Existe um conjunto heterogêneo de saberes, práticas, comportamentos e desejos, que expressos ou reprimidos, remontam a possibilidades ou impossibilidades de ser e estar no mundo, que, a depender dos valores religiosos, sociais, culturais e morais, produzirão a subjetividade dos sujeitos inseridos naquelas condições de possibilidade. Por fim, isto é o que forma o dispositivo de sexualidade.

Para Michel Foucault (2020), em torno do sexo e da sexualidade, houve intensa proliferação dos discursos, discursos estes que possuíam existência por meio do incentivo aos sujeitos de enunciarem seu sexo e sua sexualidade. A priori, é necessário destacar que a noção de sexualidade não transcorreu a história sem obter contornos e movências específicas de cada época, pelo contrário, ela deve ser concebida sempre tendo-se em mente as suas condições de possibilidade e existência. Para Foucault (2020) a produção discursiva era originada em instituições como a igreja, escola, a família, o consultório médico, e por ciências como a demografia, a biologia, a medicina, a psicologia, a psiquiatria e a pedagogia, e essa efervescência “discursiva” pode ser compreendida como tendo início no século XVI, e se intensificado a partir do século XIX. As análises do autor apontam que o discurso sobre o sexo não tinha fundamentalmente o objetivo de reduzir ou proibir a prática sexual, mas compreender, analisar, validar e inquiri-la. Para Foucault (2020), esse dispositivo de sexualidade é considerado peça essencial das estratégias de controle dos indivíduos e das populações.

Para Foucault (2020), até mesmo as práticas jurídicas ocuparam-se a julgar e questionar a sexualidade, a partir de diagnósticos, relatórios e terapêuticas, o tema é, de certa forma, gestado e administrado, por fim, a incitação a se falar do sexo se estende e se

estrutura por quase todos os ramos e domínios da sociedade. Foucault (2020) aponta que uma aparelhagem foi constituída para a produção de discursos sobre o sexo, e que no século XVIII nasce uma incitação técnica, política e econômica a falar do sexo. As relações de saber e poder voltam-se para a sexualidade e o sexo. Nesse sentido “deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, [...] condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos” (Foucault, 2020, p. 27). Era preciso gerenciá-lo e administrá-lo. Para este autor, é possível apontar que em torno do sexo, há, então, toda uma efervescência política, econômica e biológica. Conforme as urgências, interesses e objetivos dos Estados, o sexo será analisado, investigado e inquerido.

A retomada histórica e as análises realizadas por Michel Foucault permitem conceber que a sexualidade é produto de um “dispositivo de sexualidade”, não sendo algo objetivo, dado pela natureza e inquestionável. Ao contrário, essas instituições apontavam práticas sexuais que deveriam ser abandonadas e outras que deveriam ser incentivadas, de acordo com interesses específicos, portanto moldável. A perspectiva histórica traçada por Foucault (2020) permite compreender que os mecanismos de saber e poder são agentes que gestaram e organizaram as discussões em torno da temática da sexualidade, e auxilia a entender que esse dispositivo foi constituído por e a partir de discursos científicos, jurídicos e religiosos. Remeter-se à historicidade da construção desse dispositivo se faz necessário justamente para ser possível chegar ao efeito de entendimento de que: é a partir de diversos movimentos e nuances que o aparelho é criado, e de que ele produz verdade, controle e condutas. A partir do conceito do dispositivo de sexualidade, é possível compreender que tanto a sexualidade hegemônica quanto a marginal o são assim consideradas por um conglomerado de discursos permeados de relações de poder e saber de um certo tempo e de uma dada sociedade.

Para Antunes e Duque (2020), a recente e crescente visibilidade das diferentes orientações sexuais e identidades de gênero provocam a desestabilização de instituições que tradicionalmente ajudaram a definir as regras e a moral em torno da sexualidade hegemônica. Essas regras prescreviam quais práticas e relações eram possíveis e as que deveriam ser alvo de interdição e censura. O complexo dispositivo de sexualidade tem como um de seus pilares a produção de saberes acerca de distintos temas, objetos e categorias, o que produz efeitos de verdade. Por sua vez, estes saberes produzidos possuem funções específicas e são constituintes dos sujeitos, pois geram efeitos nos comportamentos, condutas e práticas sexuais dos indivíduos. Discutir esse processo desestabilizante – este retrospecto histórico, com este gesto teórico-metodológico, nos auxilia a compreender que o dispositivo de sexualidade elegia quem, quando e como se devia falar de sexualidade, com quais expressões e terminologias, com as constantes transformações todo esse regramento foi colocado em xeque. A obra de Michel Foucault traz elementos pontuais e específicos de ações religiosas, jurídicas e científicas que materializam e comprovam sua hipótese: de que o sexo e as sexualidades foram temas discutidos, regradados e regulamentados a partir de diferentes instituições, áreas e domínios, e não apenas interditado e censurado. É a partir desses pressupostos e análises, que o autor, de maneira convincente, consolida a sua hipótese: de que a sexualidade não foi

reprimida e coibida, pelo contrário, foi examinada, questionada, incitada a se colocar e aparecer dentro da escola, da igreja, do consultório, do tribunal e da família.

3 O DISCURSO HOMOFÓBICO EM CORPUS MIDIÁTICO

Esta seção é destinada à realização de análises acerca do corpus selecionado, sendo este composto por comentários produzidos por leitores e leitoras de textos jornalísticos. A seleção de dados buscou encontrar comentários que expressavam e legitimavam a homofobia, sendo eles veiculados no interior de páginas de jornais e na rede social Facebook. No processo de escolha e de exclusão dos comentários, utilizamos o critério da presença de sentido negativo e/ou pejorativo que configurava homofobia.

Neste trabalho, utilizamos a expressão ‘acontecimento’ seguida do número cardinal 01, tendo como referência a nomeação de uma situação homofóbica que foi divulgada por jornais distintos e em seus próprios sites hospedados no interior da rede social Facebook. Neste sentido, construímos um parágrafo descritivo para situar o que aconteceu (com base nas informações disponibilizadas em dois ou três jornais). A análise dos enunciados objetiva entender os mecanismos discursivos utilizados no embasamento da homofobia e as relações que podem ser estabelecidas entre os enunciados, as formações discursivas, os dispositivos de saber e poder e a história.

Deste modo, norteiam as reflexões as seguintes indagações: Por que os usuários das redes sociais comentam daquele modo e não de outro? Quais são as condições de possibilidade do discurso? Qual ou quais instituições autorizam esse discurso? Quais são os dispositivos de poder que mobilizam os discursos homofóbicos? Em que momento sócio-histórico se dá a materialização dos enunciados? Quais relações estes enunciados negam ou afirmam? Qual discurso ainda é utilizado para disseminar e sustentar a homofobia? Estes enunciados são regulares e contínuos? Qual é a superfície primeira de emergência do discurso homofóbico e do discurso sobre o/a homossexual?

Considerando os princípios éticos do fazer científico, que se soma às regras prescritas pela Lei nº 13.709 – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, foi realizada uma ação de omissão e de proteção aos nomes e imagens que foram encontrados ao longo da coleta do material de análise.

Acontecimento 01 - Um homem e o seu namorado decidiram realizar um ensaio fotográfico no final do ano de 2022, pois ambos estavam planejando se casar, após o trabalho ter sido finalizado e as fotos estando prontas, o fotógrafo que realizou a sessão de fotos, decidiu postar o resultado nas redes sociais. A prática de se postar os resultados de sessões de fotos nas redes sociais dos profissionais é bastante comum, e por ser, geralmente, uma celebração, é rotineira a postagem de fotos relativas a casamentos, aniversários, festas, ensaios, formaturas etc. Nesse caso, soma-se a isso, a possibilidade de divulgação do trabalho de fotógrafos(as). A partir da repercussão das fotos daquela sessão específica, diversos comentários com teor homofóbico foram realizados na postagem do fotógrafo. O casal é torcedor do Remo, time de futebol vinculado ao Clube do Remo, que possui sede em Belém, no estado do Pará, e por isso, utilizaram em algumas fotos, camisetas do time para o qual torcem. Como é possível observar nas fotos abaixo.

Captura de Tela 1: Fotos do ensaio fotográfico reproduzidas via rede social Instagram, disponibilizadas em ambiente virtual.



Fonte: Instagram.

No perfil do profissional de fotografia, que realizou o ensaio, hospedado na rede social Instagram, há um vídeo e algumas fotos (duas delas reproduzidas acima) que foram publicizadas nos dias 04, 05 e 07 de novembro de 2022. A partir da publicização das fotos, surgiram diversos comentários com mensagens preconceituosas. Uma notícia publicada pelo portal GE (Esportes – Belém – Pará), também conhecido por globoesportes.com, no dia 30 de janeiro de 2023, divulga o caso de homofobia e traz alguns comentários e postagens que foram realizados na rede social Facebook².

² As principais notícias referentes ao acontecimento 01 são: Notícia 01 – QUEMEL, Eduardo. Casal gay faz ensaio fotográfico com camisa do Remo e é alvo de homofobia: “Ficaram brincando com a nossa imagem”. GE-Esportes. Belém – Pará. 30/01/2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/pa/futebol/noticia/2023/01/30/casal-gay-faz-ensaio-fotografico-com-camisa-do-remo-e-e-alvo-de-homofobia-ficaram-brincando-com-a-nossa-imagem.ghtml>. Acesso em: 01 fev. 2023. Notícia 02 - FERNANDES, Magno. Casal gay é atacado por ensaio com camisa do Clube Remo. Esporte – Pará. Diário Online. 30/01/2023. Disponível em: <https://dol.com.br/esporte/esporte-para/793434/casal-gay-e-atacado-por-ensaio-com-camisa-do-clube-do-remo?fbclid=IwAR2IMHDOqP-39Y0SKOyv0L1nDcUajTRDF0bqK4oNIPhI4XZAwBollqjVD0A>. Acesso em: 14 fev. 2023. Na rede social Facebook, a notícia 02 – está disponível em: <https://www.facebook.com/doldiarioonline/posts/pfbid02PTRuqp1ZqofRf9wCHjajWcjnn6yex7xeKfpMK2m4G8AoNMAHkSqzKi3wrWvdjRyUl>. Acesso em: 14 fev. 2023. A notícia 02 foi postada no site jornalístico Diário Online, e posteriormente foi postada na página do jornal no Facebook. A notícia 01 foi repostada por uma página na rede social Facebook, nomeada de TV Liberal. – Disponível em: <https://www.facebook.com/tvliberal/posts/pfbid0z6F2499KYRJe8qMr1YFzjrWWqpKvMij7SimoBPflvriZRLksLFTqw1LRwCBCkMsGl>. Acesso em: 14 fev 2023.

Captura de tela 02: Notícia do GE (Futebol) reproduzindo postagens realizadas na rede social Facebook.



Fonte: Facebook.

Captura de Tela 3 - Notícia do GE (Futebol) reproduzindo postagens realizadas na rede social Facebook..



Fonte: Facebook.

As capturas de tela 2 e 3 são publicações distintas, e que contém alguns comentários realizados em resposta a uma postagem realizada dentro da rede social Facebook, e que foram apurados pela equipe do GE – Esportes. O corpo da notícia elenca

a possibilidade de os comentários utilizarem-se do casal homossexual para atribuir um sentido negativo e pejorativo ao time do Remo. Como pode ser percebido no texto jornalístico: “A rivalidade entre Remo e Paysandu é clássica no futebol brasileiro. Há muitos anos, torcedores azulinos e bicolores “zoam” uns com os outros. Mas em alguns casos a zoação sai do campo do esporte e entra no do preconceito” (Quemel, 2023). A mascote do time do Remo é um leão azul.

O comentário “Leozinhas” seguido de emojis/emoticons³ de risada, materializada na captura de tela 02, pode ser analisado discursivamente nas condições de possibilidade atrelado à existência material do comentário, sendo o Remo um time que possui o Leão como mascote, o comentário associa características tidas como “femininas” aos homens da foto. A associação feita entre homens gays e uma suposta feminilidade é feita de maneira negativa – em que o feminino é colocado em uma posição subalterna e inferior ao masculino, essa leitura se justifica pelo uso da expressão “inhas” que traz um sentido diminutivo, de pequeno e inferior ao enunciado. A passagem de narrativa de um “Leão” à “Leoa” soa como um processo de enfraquecimento e diminuição de uma personagem que inicialmente seria forte, poderoso, invencível à fraco e menor. O discurso que constrói uma hierarquia entre os aspectos femininos e masculinos geralmente coloca o feminino em posição desfavorável ao masculino, ou seja, o feminino é colocado embaixo na estrutura hierárquica valorativa. Neste sentido, o comentário, é analisado sob o ponto de vista de ser um enunciado, que materializa como se dá a divisão tradicional de poder entre homem e mulher na sociedade. O enunciado está inserido dentro de uma lógica de se considerar o feminino como ruim, como algo negativo, atrelado a um sistema machista e misógino, sendo possível considerá-lo como materializador do discurso homofóbico, um de seus alicerces. O comentário foi realizado por uma mulher, o que só corrobora a ideia de que o machismo e a misoginia é um sistema complexo e abrangente que é internalizado pelas pessoas independentemente de seu gênero, e que subjetiva homens e mulheres.

A partir dessa perspectiva, aqueles que são considerados homens héteros estão inseridos dentro de um sistema, nos quais eles ocupam o topo, com papéis bem definidos, sendo, dentre eles o de ser viril, masculino, gestor, dominador, ativo e forte, devendo ocupar um papel público de destaque e merecedor de toda glória. Ao se constatar, que sua orientação sexual não é a hegemônica e que foi eleita como ‘natural’ e ‘válida’, este homem é remetido, dentro deste sistema, ao feminino, a quem estaria relegado os papéis de ser sensível, pequeno, fraco, de quem deve ser protegido, dominado e deve estar no ambiente privado, recluso.

Os discursos e as práticas discursivas homofóbicas materializadas na língua e pela língua atravessam e constituem os sujeitos, contribuindo para compreensão de que o sistema de homofobia se dá pela produção e reprodução de determinados dizeres, crenças e opiniões de cunho preconceituoso. Neste aspecto de compreensão da homofobia, o

³ De acordo com Padilha (2024), o emoji é um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. O termo é de origem japonesa, composto pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra). Atualmente, os emojis são muito populares nas redes sociais e em aplicativos de mensagens instantâneas.

recurso à misoginia é mobilizado para remeter o homem gay a um lado que se distancia da masculinidade. A lógica estabelecida pressupõe que esse processo de afastamento e distanciamento do homem de uma matriz masculina, fará com que o homem gay que, performando ou não feminilidade, perca privilégios e lugares sociais que seria “seu por direito”. Por esse viés, é possível postular que o homem gay afeminado acaba por sofrer homofobia de forma distinta. O processo de remeter o masculino ao feminino é marcado por uma reafirmação valorativa que entende o lado feminino como negativo e pejorativo.

Em relação ao comentário “Uma vergonha para o time” é possível considerar que ele é construído em torno de um juízo de valor de qual sexualidade é válida e qual não deve ser validada. Se a homossexualidade traz “vergonha”, a heterossexualidade traz “orgulho” ao time. A virilidade e a masculinidade são atributos que, se associados ao time, trariam satisfação e honra, mas caso o time seja associado a homens gays, perderia sua credibilidade e orgulho, por fim, entraria no campo da “vergonha”. O comentário “Apaga que ainda dá tempo vai passar mais vergonha, meu caro amigo, isso não é coisa que se faça, isso é crime viu” concebe que aquelas imagens não deveriam estar circulando, e que o casal fotografado estaria “passando vergonha”. O comentário utiliza o deboche para dizer que “isso não é coisa que se faça, isso é crime viu”. Piadas, brincadeiras e zoações são mecanismos comumente utilizados para expressar a violência homofóbica, que se utilizam de um duplo desdém, por ser violento e ofensivo, e ainda por utilizar a ironia e o riso para ter uma atitude preconceituosa.

É possível apontar que o espaço de socialização gerado a partir da prática de esportes é considerado, por grande parte da sociedade, um espaço criado e organizado para a vivência e convivência entre homens, ou seja, é naturalizado que este espaço seja feito por e para homens. Sendo o próprio esporte uma possibilidade de materialização da masculinidade, da virilidade, de competição, em que reina a lei daqueles que são melhores e mais fortes. Essas noções e regramentos sociais em torno do esporte passa por transformações em nossa sociedade, que apesar de lenta, tem ganhado força na luta de mulheres que intencionam ocupar ou ter a essa possibilidade de ocupar espaços outros.

A partir dos escritos de Daniel Borrillo (2016), é possível estabelecer que nas sociedades que são marcadas pela dominação masculina, “a homofobia organiza uma espécie de ‘vigilância de gênero’, porque a virilidade deve estruturar-se em função de dois aspectos: negação do feminino e rejeição da homossexualidade” (Borrillo, 2016, p. 26). Ou seja, uma característica da homofobia é o de que ela é baseada num alicerce que estabelece padrões, normas e comportamentos específicos a cada gênero e a cada orientação sexual, e que em grande parte das situações sociais, há uma vigilância de gênero que tende a verificar os desvios e deslizos do masculino em direção ao feminino ou vice-versa, que em geral, tenta remeter (ou lembrar) o sujeito de sua filiação a determinado gênero. Neste aspecto, a concepção materializada nos comentários homofóbicos é a de que o gênero estabelece uma relação unívoca, de que o homem é naturalmente masculino, e deve ser subjetivado por práticas masculinas simultaneamente em que nega práticas consideradas femininas. A homossexualidade seria dentro desta lógica, a negação do masculino e uma ‘escolha’ de ir em direção ao feminino.

Elencamos mais 04 enunciados, que desta vez foram publicados em resposta a notícia do GE – Esportes, dentro da própria página do jornal.

Captura de Tela 4 – comentários realizados dentro da Página do GE – Esportes.

há 2 dias

Casal? quero ver eles gerar um filho... como ja dizia Enéas, isso é uma aberração da natureza.

 Curtir 7  Responder  Denunciar

há 1 dia

2 barbudos se beijando e não criticar que é processado...é pra acabar.

 Curtir 3  Responder  Denunciar

há 2 dias

Quanto desrespeito... com a camisa do clube. Nenhum time quer ser vinculado a isso...

 Curtir 6  Responder  Denunciar

há 2 dias

Se peguem, mas, sem a camisa do clube.

Tem que dar um corretivo neles, torcida do Remo...assinado Força Jovem do Mengão.

 Curtir 4  Responder  Denunciar

Fonte: Página do GE – Esportes.

É interessante destacar que a notícia tem o intuito principal de divulgar e publicizar o episódio de homofobia que o casal sofreu, e está justamente na seção de esporte porque foi, supostamente a torcida do Paysandu que se utilizou da situação para atribuir aspectos negativos e pejorativos ao seu time adversário, o Remo (versão pressuposta pelo portal de notícias – GE). Em relação ao primeiro enunciado – “Casal? Quero ver eles gerar um filho...como já dizia Enéas, isso é uma aberração da natureza”, questiona o uso da expressão “casal” para se referir aos dois namorados, e um certo tom irônico para dizer que os dois homens não geram um filho, materializa a perspectiva de que as relações sexuais têm a finalidade única e exclusiva de procriar, ou ainda de que todas as pessoas possuem certa responsabilidade para a procriação da espécie.

Neste ponto, é possível recorrer a Foucault (2020) para pensar as normativas e regramentos em torno da sexualidade de uma população. Ao recusar a hipótese repressiva em torno do sexo e da sexualidade, Michel Foucault (2020) aponta, em suas análises acerca dos múltiplos saberes e instituições, que formam o dispositivo de sexualidade, que houve momentos na história de maior controle e administração das práticas sexuais. Dentre as prescrições, é possível enfatizar que o dispositivo religioso e o dispositivo da aliança elegeram como local legítimo o quarto dos pais para a realização de práticas sexuais entre

um homem e uma mulher, com a finalidade procriativa inserido em um contexto de casamento. Neste aspecto, o enunciado analisado elege sujeitos como verdadeiros detentores do direito de usar a palavra “casal”.

Enéas citado no comentário faz, provavelmente, referência ao nome de um ex-deputado federal, Enéas Carneiro, considerado um dos líderes do conservadorismo brasileiro. Nesta situação, elege-se como um cenário envergonhador o Remo ter torcedores homossexuais ou o próprio time ser associado a homens homossexuais. Em resposta a notícia, na própria página do GE – Esporte, ainda temos o comentário “Se peguem, mas, sem a camisa do clube. Tem que dar um corretivo neles, torcida do Remo... assinado Força Jovem do Mengão”. Esse enunciado estabelece uma regra para o casal – “não usar a camisa do clube”, e ainda que o casal deveria ser alvo de alguma ação de correção – pois ocupam o lugar de “errados”. O verbo “corrigir” se refere, a partir da definição dada pelo Dicionário Online de Português, a “fazer com que fique da melhor forma ou da forma correta; consertar-se, impor castigo a (algo, alguém ou a si próprio); castigar-se: corrigia o filho com palmadas; os cavalos corrigiam-se com bofetadas”. O autor do comentário sugere o uso da violência física para “normalizar” e “corrigir” a orientação sexual dos homens que realizaram o ensaio fotográfico, nesse sentido, uma ação externa deveria atuar de forma a disciplinarizar estes corpos desviantes, que não estão conformes a uma norma sexual hegemônica. Caso isso acontecesse, entraria em cena, o funcionamento do poder em sua forma mais visível e explícita, neste caso, é pensado como recurso último de atuação de poder, porque ao exercer-se dessa forma, o poder deixaria rastros de sua existência e coerção. A ação de “normalizar”, ou seja, tornar algo que é considerado anormal como normal pode estabelecer relação histórica com o surgimento da categoria homossexual, que em meados da década de 1870, como postulado por Miskolci (2007), a invenção médico-legal assumia estes sujeitos homossexuais em terminologias como “anormal”, “invertido” e “doente”.

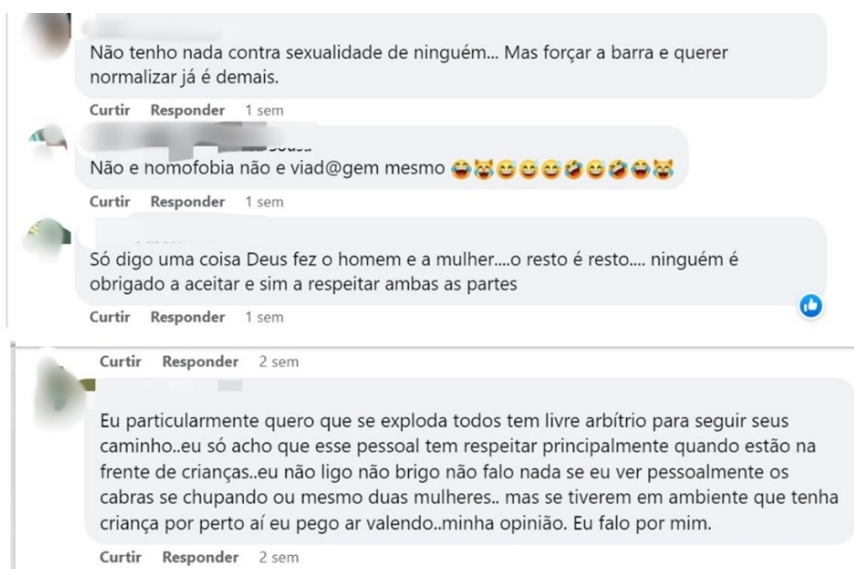
Ainda é possível destacar um certo aprisionamento dos homens homossexuais, os enunciados visam regular e normatizar o comportamento dos homens homossexuais, pois se eles são homossexuais, são apenas isso, não podem ser torcedores de algum time de futebol ou então utilizar uma camiseta de um clube preferido, ou ainda participar dos espaços de socialização do time do coração, pois onde quer que vão carregam o estigma ou uma ideia pressuposta do que são. Ainda, a partir do discurso homofóbico encontrado, eles não poderiam expor-se publicamente a partir da realização de um ensaio fotográfico. E então, conseqüentemente o seu afeto e carinho não pode ser publicizado a partir de suas redes sociais. A respeito do sujeito homossexual, Foucault (2020, p. 48) considera: “nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas [...] inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, uma vez que é um segredo que sempre se trai sempre”. Neste aspecto, não são apenas torcedores do time x, são torcedores gays do time x. Não se trata apenas de um ensaio fotográfico, se trata de um ensaio fotográfico de homens gays.

As redes sociais funcionam como uma extensão da realidade, estando organizadas e estruturadas segundo características, ferramentas e práticas específicas. É possível apontar forte atuação de um dispositivo de vigilância e de controle que pode ser estendido e ampliado a todos aqueles que decidem utilizá-las. O controle, neste aspecto, não é

pensado como moderação de conteúdo, mas dos sujeitos e corpos que ali se colocam. Neste caso, o discurso que circula na internet acerca de pessoas homossexuais é extremamente multifacetado, não bastaria apenas considerar a existência de um discurso em que se admite ou se exclui a homossexualidade, mas consideramos importante a compreensão das estratégias e mecanismos de funcionamento dos enunciados homofóbicos expressos neste ambiente.

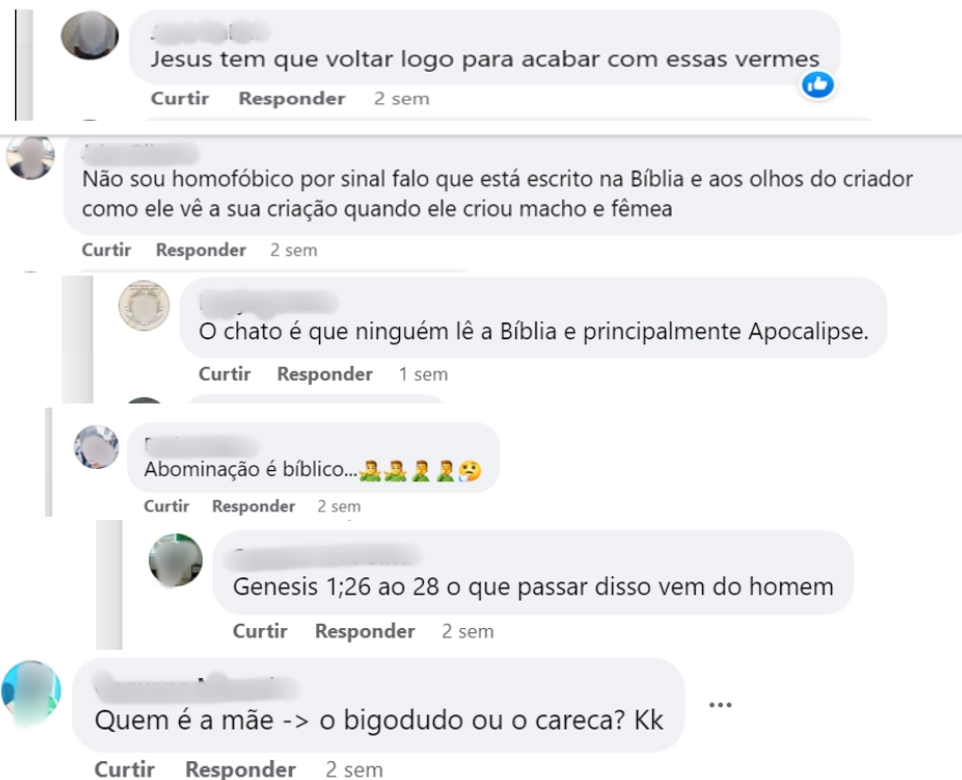
O comentário “2 barbudos se beijando e não criticar que é processado... é pra acabar”, analisado sob a perspectiva de ser um enunciado, estabelece uma crítica ao fato de que, no que se refere ao Judiciário Brasileiro, sua jurisprudência prevê que homofobia é crime, e nesse sentido as opiniões, crenças e perspectivas que expressam a homofobia são passíveis de serem consideradas crime. Nesse aspecto, muitos argumentos e justificativas que antes eram utilizados no interior de formações discursivas jurídicas e científicas não possuem mais os mesmos efeitos de verdade que outrora produzia. Porém, ainda que não possuam validade no interior dessas formações discursivas, não há uma relação direta e imediata com uma aceitação geral de um novo regime de entendimento acerca da sexualidade, por parte da sociedade, deste modo, os pilares da homofobia não deixam de ter existência. Este sistema de violência se dá a partir da produção e reprodução, neste aspecto, ainda que socialmente, a homossexualidade tenha ganhado outro *status* e entendimento, não mais o de crime e o de doença, as mudanças não ocorrem de maneira imediata. E o carácter complexo e moldável deste sistema homofóbico lhe permite reinvenção e reatualização, de forma que estenda sua existência. Encaminhamos as discussões para a análise acerca dos últimos enunciados:

Captura de Tela 5: comentários realizados em resposta à notícia do Diário Online, na rede social Facebook



Fonte: Facebook

Captura de Tela 6: continuação dos comentários realizados na rede social Facebook



Fonte: Facebook.

Os sujeitos que são subjetivados a partir de um dispositivo religioso possuem suas relações com os temas e objetos acerca da diversidade sexual constituídas a partir desta posição discursiva. Neste sentido, existe uma formação prévia a partir do dispositivo religioso que estabelece noções e pressupostos bem definidos do que é aceitável ou não, de quem e com quem se está autorizado a constituir um casamento. Essa verdade cristalizada do que seja um casal encontra respaldo no discurso religioso, e neste aspecto, esses enunciados analisados dialogam de forma direta com outros enunciados produzidos e materializados na historicidade. Pode ser estabelecida uma relação destes enunciados com o livro da Bíblia, material que traz os preceitos e dogmas da tradição cristã, no qual é possível ler, em Gêneses 2-18: “O Senhor Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja só. Vou dar-lhe uma auxiliar que lhe seja adequada’”. E em 2-24 “Por isso, o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne”. E no livro de provérbios 18-22: “Aquele que acha uma mulher, acha a felicidade: é um dom recebido do Senhor”.

Os três versículos bíblicos foram retirados do site Bíblia Católica Online (Bíblia, 2023), eles estão imbrincados na tarefa de construir a narrativa do que seria desejável e ideal em termos de casal, família e relacionamento. Estabelece a máxima de que homem e mulher estão destinados a ficarem juntos, reitera a complementariedade que ambos

“possuiriam”. E por outro lado, em Levítico 18-22: “Não te deitarás com um homem, como se fosse mulher: isso é uma abominação”, tem-se o enunciado normatizador primário que tem sido fonte e justificativa utilizada para a avaliação e valoração de quais sexualidades são válidas e possíveis. São várias as passagens bíblicas que se somam às práticas e doutrinas religiosas cristãs que postulam e prescrevem o que “é” e como se constitui um casal. Neste sentido, é no interior do dispositivo religioso que a ideia de casal é bem delimitada e especificada, e para isso podem ser acionados diversos e diferentes discursos: a previsão bíblica para isso, a vontade de Deus, uma ‘possível’ e ‘necessária’ complementariedade de sexos, entre outros.

Os enunciados homofóbicos materializados apontam para o que justificam parte sua existência: funcionam em uma relação direta com os versículos bíblicos, dialogam com eles e os reproduzem. Os sujeitos que realizam estes comentários são subjetivados por formações discursivas religiosas que condenam a homossexualidade, ou seja, por considerarem-na “desvio”, “vergonha”, “pecado”, “doença” ou “aberração”, estes sujeitos falam a partir dessa posição discursiva, e o que lhes cabe é a função de enunciar a partir do local que eles ocupam. Neste aspecto, estão inseridos em regimes de verdade que elegem a homossexualidade em termos negativos e pejorativos, e que dentro da estrutura discursiva a que pertencem, esta concepção faz parte de um todo coerente, lógico e que modula suas ações, crenças e opiniões.

Historicamente, o dispositivo jurídico também coadunava sua concepção de como deveria ser constituído um casal com a que era veiculada pelo discurso religioso, ou seja, por um homem e uma mulher, porém, recentemente, o dispositivo jurídico mudou seu conceito. No acontecimento 01, são marcantes as seguintes expressões encontradas, que foram produzidas pelos leitores dos textos jornalísticos: “envergonha”, “palhaçada”, “viadagem” “aberração da natureza” “não geram um filho”, “falta de vergonha”, “esses vermes”, “abominação”, “estranho”, “coisa ridícula”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os comentários analisados ao mesmo tempo expressam homofobia e atuam como mecanismos de validação de outras ações homofóbicas, em específico aquelas que foram noticiadas pelo texto jornalístico. As sexualidades e suas expressões, sejam elas de afeto, carinho, amor ou sexuais são objeto dos dispositivos de vigilância, uma vez que essas práticas são colocadas como aquém das normas heteronormativas. Há a mobilização de xingamentos, palavrões, deboches e ações para invalidar e deslegitimar a existência das sexualidades dissidentes. Em suma, é possível analisar que os enunciados se reforçam, dialogam entre si em pontos semelhantes, remetem a outros discursos que os embasam. Há uma convergência entre os comentários expressos em ambiente virtual que se reforçam mutuamente. As análises identificam que são diferentes os discursos mobilizados para sustentar esses enunciados, mas que possuem os mesmos objetivos: invalidar e inferiorizar as sexualidades que não estão conformes à regra. Há um mecanismo de funcionamento do discurso homofóbico que se utiliza do dispositivo religioso para respaldar e fundamentar o preconceito destinado àqueles que não se comportam e se enquadram em noções consideradas ‘estáveis’ e padronizadas de

sexualidade. Para isso, o discurso homofóbico foi materializado a partir de diferentes mecanismos, seja da utilização de ideias, crenças, opiniões, informações falsas, ou de pânico morais ou alarmismo coletivo, na construção de um raciocínio que entende que o estado atual das coisas pode ser e deve ser modificado.

Considerando que o discurso homofóbico analisado faz parte de uma conjuntura maior, é necessário entender que as condições de possibilidade dos enunciados se dão em um momento de crescente visibilização e valorização da diversidade sexual, e também de um período da história em que há uma preocupação do judiciário em garantir alguns direitos mínimos e básicos aos sujeitos que integram esse grupo. Se outrora o homossexual era concebido nos termos “pecador”, “criminoso” e “doente” no interior do aparato religioso, jurídico e científico, atualmente, parcela significativa das ações homofóbicas tem-se utilizado da religião como o principal recurso para sua sustentação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Fabrício Pupo.; DUQUE, Tiago. Agência, gênero e sexualidade dissidentes na escola: experiências de jovens e professores/as em mato grosso do sul. *Revista Debates Insubmissos*, 3 (11), 272–294. <https://doi.org/10.32359/debin2020.v3.n11.p272-294>.

BASSO, Julia de Souza Lopes. *Manual de orientações sobre gênero e diversidade sexual* / Julia de Souza Lopes Basso. – Cacoal: IFRO, 2020. 51 p.; Il.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. 1ª ed. 3ª reimp. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 141 p.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad. Ingrid Muller Xavier. – 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

COELHO, Gabriela. *Supremo Aprova equiparação de homofobia ao crime de racismo*. Consultor Jurídico. 13 jun 2019, 19h30m. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-jun-13/stf-reconhece-criminalizacao-homofobia-lei-racismo>. Acesso em: 06 dez. 2022.

COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DENÚNCIAS contra homofobia na internet crescem 106% nos primeiros seis meses de 2021. (2021a) *Jornal Nacional – G1*. 17 jun. 2021. 21h26m. Economia - Tecnologia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/06/17/denuncias-contra-homofobia-nainternet-crescem-106percent-nos-primeiros-seis-meses-de-2021.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2022.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e Sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15>. Acesso em: 20 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 24ª ed. RJ-RJ: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso* - aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2020.

GONZALEZ, Mariana. *Brasil tem 4 casos de LGBTfobia por dia, dado é subnotificado, diz advogada*. UOL. Diversidade. 15 jul. 2021 – 10h. São Paulo. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/07/15/lgbtfobia-cresce-20-no-brasil-numero-ainda-e-subnotificado-diz-advogada.htm>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MELO, Iran Ferreira de. *Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e interseções*. *Letra Magna* - Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna, Ano 5, n. 11, 2º semestre de 2009. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/adeacd.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2020

NAVARRO, Pedro. *Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos*. MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras

ISSN: 0104-0944, [S.l.], v. 1, n. 57, p. 08-33, dez. 2020. ISSN 0104-0944. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682>. Acesso em: 10 jan. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.9682>.

NAVARRO, Pedro.; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Por uma Arqueogenealogia dos Estudos Discursivos Foucaultianos no Brasil - Cartografias: Entrevista com Maria do Rosario Gregolin. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 53, n. 2, p. 20–40, 2022. DOI: 10.18309/ranpoll.v53i2.1777. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1777>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PADILHA, Alexandre. *Emoji*. Disponível em: <https://www.significados.com.br/emoji/>. Acesso em: 25 maio 2024.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. In: SOUSA, Katia Menezes de; PAIXÃO, Humberto Pires da. (Orgs). *Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade / Organização de Kátia Menezes de Sousa e Humberto Pires da Paixão*. - São Paulo: Intermeios, Goiania: UFC, 2015.

VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. *STF permite reconhecer ofensa contra LGBTQIA+ como injúria racial*. TV Globo – Brasília. 21 ago. 2023. Política Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/21/stf-forma-maioria-para-permitir-reconhecimento-de-ofensa-contr-lgbtqia-como-injuria-racial.ghtml>. Acesso em: 06 set. 2023.

Submetido em 21 de setembro de 2025

Aceito para publicação em 28 de dezembro de 2025